

MARÉ-VIVA

DIRECTOR: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 15 — PREÇO 3\$50 — 6/OUT/76

DE SEMANA A SEMANA

Definitivamente?

Comemora-se, em 5 de Outubro, a implantação da República. É justo lembrar os seus heróis e incluir, na mesma homenagem, os vencidos do 31 de Janeiro, uns e outros por igual dignos da nossa admiração e respeito.

Mas é preciso que, no ardor dessa evocação, não esqueçamos o povo, herói sem honras nem proveito de quantas verdadeiras revoluções se fizeram neste país. O povo que, em Outubro de 1910, como já na crise de 1380 e em Abril de há dois anos, soube defender os legítimos interesses de Portugal contra as forças da reacção e do imperialismo. O povo que invariavelmente aparece ao lado das suas Forças Armadas sempre que elas empunham as armas para defender a Liberdade e a Justiça.

Não esqueçamos, pois, o povo neste 5 de Outubro. Foi ele que o preparou durante anos de luta e de sofrimento e foi ele que o fez, naquela arriscada madrugada, na Rotunda e no Rossio, ao lado dos soldados e marinheiros que povo são.

O regime implantado em 5 de Outubro de 1910 foi derrubado pelo golpe militar de Maio de 1926. Com ele se abateu sobre o povo a mais desumana ditadura da história deste país. Que durou quase 50 anos.

Acabámos de nos libertar desse regime hediondo. Definitivamente? Estejamos atentos. Como no Apocalipse, os sinais indicarão a catástrofe. A reacção não desarma e o imperialismo multiplica as suas formas de intervenção.

Rafael Bordalo Pinheiro



Exposição Comemorativa do 5 de Outubro

EM ESPINHO • NO SALÃO DA PISCINA
PROGRAMA

Dias 5, 6 e 7, das 21.30 às 24 horas — *Exposição de Gravuras de Rafael Bordalo Pinheiro.*

«... Um dia virá talvez em que ele mude de figura e mude também de nome para, em vez de se chamar ZÉ POVINHO, se chamar simplesmente POVO. Mas muitos impostos novos, novos empréstimos, novos tratados e novos discursos correrão na ampulheta constitucional do tempo antes que chegue esse dia tempestuoso.»

RAMALHO ORTIGÃO, in «FARPAS», 1882

Dia 5, às 21.30 horas — *Debate orientado por Fernando Sousa, professor do Dep. História da Faculdade de Letras do Porto.*

COLABORAÇÃO DA REVISTA «VÉRTICE»
ORGANIZAÇÃO DOS DEPARTAMENTOS CULTURAL E CENTRO DE ESTUDOS DA

NASCENTE - Cooperativa de Acção Cultural

MARÉ-RUA

As eleições para as autarquias

Ainda fatigados do longo «Maré-Rua» da semana passada, resolvemos contrabalançar com um mais curto para esta semana.

Para tema escolhemos mesmo o que está no título. Esse mesmo — as próximas eleições! Embora falte algum tempo para elas, resolvemos sondar as pessoas acerca do significado do próximo acto eleitoral.

Como inovação e fruto dum crítica que nos foi feita (e em boa hora), acrescentamos ao nome de

cada um dos entrevistados a sua respectiva profissão, dado que cremos isso útil para uma melhor localização social da opinião recolhida. E chega de conversa, vamos às palavras dos colaboradores de hoje.

As primeiras foram do sr. Manuel da Silva, empregado de armazém, que nos disse:

«Se com as eleições para as autarquias locais isto vai melhorar, não (Conclui na pág. 8)»

NAASCE — A Força do Atletismo

O entusiasmo do público e o grande número de atletas que envolveu, fizeram da «Léguas a Espinho» um dos acontecimentos mais importantes das Festas da Nossa Senhora da Ajuda. Na prova principal e nas outras para os diversos escalões etários participaram cerca de 850 atletas, número que ultrapassa em muito o que é habitual no nosso país em manifestações do género.

Seria caso para nos admirarmos perante um êxito tão rotundo numa modalidade que andava afastada de Espinho, se não soubéssemos que por trás desta ressurreição do atletismo estava o NAASCE, que, para



Grupo de Jovens praticantes do NAASCE. Nas promessas quantas realidades?

quem não souber, significa *Núcleo dos Amigos do Atletismo do Sporting Clube de Espinho.*

Pois foi o NAASCE que com o trabalho que desde há algum tempo vem desenvolvendo, com a sua capacidade de mobilização junto da juventude, com os contactos que tem tido com os clubes populares e federados desta zona, permitiu que os espinhenses pudessem ter descoberto o que sempre foi uma realidade: o atletismo é de facto um desporto popular e Espinho, com tão ricas tradições desportivas, pode e deve ter o seu lugar no atletismo nacional.

Pois é verdade. Estiveram re-

presentados os mais diversos clubes nortenhos, esteve o Académico de Espinho, estiveram bombeiros, estiveram trabalhadores da Cotesi, e, como não podia deixar de ser, esteve mais de uma centena de atletas do próprio NAASCE.

Mas então o que é afinal o NAASCE? O que faz? Como vive?

Julgamos que seria útil obter as resposta a estas perguntas. Conseguimo-lo junto de Jorge Ramiro, monitor, atleta e responsável pelo NAASCE, de cujas declarações ex-

CONTINUA NA PÁGINA 7

NO TI CI AS

A REGRA

E A EXCEPÇÃO

A vida está cara e hoje em dia quem tiver o azar de perder a sua carteira, arrisca-se a não mais a ver. Esta é, de certo modo, a regra geral. Mas como não há regra sem excepção, algumas vezes há, em que esta vem comprovar a regra. Foi o que aconteceu na passada semana quando a sra. Laura Ribeiro Coelho encontrou uma carteira que no seu interior continha, nada mais nada menos, que 5.290\$00. Pois a sra. Laura, consciente da falta que tal quantia poderia fazer ao seu legítimo dono, foi entregar o achado à P.S.P. Dali a polícia encaminhou-o para quem o havia perdido. Que fique a atitude louvável da sra. Laura como recomendável a todos nós.

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251-1.º

Telef. 921621

ESPINHO

Director:

Víctor Sousa

Fizeram este número:

Ana Maria; Antero Monteiro; António Capelo; António Letra; Augusto Mota; António Santos; Ema Letra; Fausto Neves; Joaquim Fidalgo; Jorge Catarino; Laura Gaio; Morais Gaio; Vítor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos Pinheiro de Morais.

Composição e Impressão

Officinas Gráficas

da Casa Nun'Alvares — Porto

SOCIALISTAS DE ESPINHO TOMAM POSIÇÃO

O Secretariado da Secção de Espinho do Partido Socialista, em reunião de 27 de Setembro de 1976, deliberou enviar ao 1.º Ministro, Mário Soares, e ao Ministro Lopes Cardoso, o telegrama cujo texto nos enviou com pedido de publicação e passamos a transcrever:

«O Secretariado da Secção de Espinho do Partido Socialista, face à investida reaccionária contra o 1.º

Governo Constitucional, manifestada nas declarações antidemocráticas e de incentivo à desestabilização e violências proferidas pela C.A.P., pondo em causa a política do Governo e o Ministro da Agricultura e Pescas, nosso camarada Lopes Cardoso repudia estas atitudes, exige medidas contra atentados à democracia e manifesta todo o seu apoio ao programa governamental, ao 1.º Ministro, Mário Soares, e ao Ministro Lopes Cardoso».

«SAUDOSISMO»

Caminhava eu pacatamente pelas ruas da cidade de Espinho, reparando em montra aqui, montra acolá. De umas bonitas calças, até uma proveitosa máquina de escrever, tudo ia admirando e desejando. As papelarias eram local de paragem habitual. O desejo de poder comprar algum livro interessante a isso obrigava. Mas naquele dia, algo chamou a minha atenção numa das muitas papelarias da nossa cidade. Não foi nenhum livro interessante, também não foi qualquer revista de actualidades. Uma colecção de medalhas, de todo o tipo, espevitou-me o interesse. Mas o meu espanto e admiração não ficaram por aí. É que no meio de todas aquelas medalhas, uma me mereceu especial atenção. O rosto que tinha lacrado não

me era desconhecido, o nome que o rodeava acabou totalmente por me elucidar: Dr. António de Oliveira Salazar! Exacto, Salazar! Não é que eu me espantasse por pensar que ainda há alguém saudosos do passado. O que me espantou foi sim, a clareza como as pessoas se mostram, o à-vontade que encontram em dizerem-se apologistas de uma pessoa, um regime que o povo português não quer sequer recordar. A prova está a Constituição Portuguesa que nega o fascismo como sistema político no nosso país. Mas, paralelamente a esta Constituição e ao desejo do povo português, ainda há quem conscientemente propagandeie figuras que nós há muito recusámos. Que vamos todos atentando nisto, pois.

MOEDA — CHAPA

Há quem faça do jogo um hábito constante da sua vida. No entanto, muitas vezes para alimentar esse hábito é necessário recorrer a uma meia dúzia de truques em que muita gente é especialista. Espinho é um dos antros onde os aficionados pelo jogo têm possibilidades de dar largas à sua imaginação. E o casino é um dos locais mais procurados para isso. Desde o jogo das «slot-machines» até à «roleta», muita gente passa por lá habitualmente. Mas muitas vezes a «massa» vai-se sem que os jogadores dêem por isso. Para se precaver contra esse inconveniente, o sr. Silvério Gomes de Oliveira, do lugar do Monte, em Gulpilhares — Gaia, inventou umas chapas de 5\$00, que entravam lindamente na máquina. Mas alguém atento ao desenrolar do jogo do sr. Silvério deu pelo «gato» e de imediato chamou a polícia. De nada valeu pois o inédito (?) truque para jogar de «borla», e o habilidoso irá responder pelo seu acto, deixando para outros o «jack-pot» de folhetas.

ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

AULAS DE BALLET NA ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

Reiniciam-se no próximo dia 2 de Outubro as aulas das várias classes de Ballet desta Academia, sob a direcção da Professora A. Domingues. Este ano, as aulas terão lugar num salão da Associação de Socorros Mútuos, na rua 22, entre as ruas 11 e 62, especialmente alugado para o efeito. Entretanto, na sede da Academia encontram-se abertas as inscrições para os vários cursos, desde o passado dia 15 de Setembro e até ao próximo dia 15. Essas inscrições terão, no entanto de ser, no presente ano, limitadas.

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 7, Quinta-feira — «Uma Tese Escandalosa» — Maiores de 18 anos.

Falar de cinema, comentar filmes é tarefa delicada. É delicada porque as concepções de cinema variam, consoante o interpretarmos como simples comércio ou arte ao serviço das pessoas. E a propósito do filme de hoje, servirá ele o público? De que maneira?

Dia 8, Sexta-feira — «La Bambina» — Maiores de 18 anos.

Se atentarmos bem nos filmes que passam por cá, e não só, constatamos que a maioria são interditos ou não aconselháveis a menores de 18 anos. E as outras camadas? Os adolescentes? As crianças?

Dia 9, Sábado — «O Tigre pela cauda» — Maiores de 18 anos.

Arralal de porrada, um «tigre» acoitado, roubos e assassínios. Um filme desconhecido, e que deverá continuar a sê-lo. Porque apesar de tudo, coisas destas não ficam na memória das pessoas.

Dia 10, Domingo — «Convém Fazer Bem o Amor» — Maiores de 18 anos.

Um filme que deve ver! O sexo por uma óptica fora do habitual!

Dia 12, Terça-feira — «Eu e Ele» —

Este Lando Buzzanca, actor mediocre, tem sido ultimamente muito utilizado em comédias pretensamente pornográficas. Os seus esgares e as miúdas que o rodeiam vão atraindo algum público. Mas não haverá muita gente já farta de produtos deste género?

CASINO

Dia 6, 4.ª-feira — «O Desnorteados» — Maiores de 13 anos.

Até que ponto a presença de Vittorio Sica valerá uma ida ao cinema?

Dia 7, Quinta-feira — «Punição Diabólica» — Maiores de 18 anos.

Muito se teria que dizer sobre cinema, além destas linhas semanais. Porque o cinema tem que ser discutido, aprendido. Não se poderá encarar-lo como uma pasta de dentes ou uma lata de conservas. O cinema dignifica o homem ou serve-se dele. Caso de mais uma película para maiores de 18 anos.

Dias 8, 9, 10 e 11 — Sexta a Segunda-feira — «História d'O» — Maiores de 18 anos.

«Um filme que embora tenha algumas «fraquezas», muitas cenas a descaírem para o efeito sentimental barato, parece ter conseguido os efeitos desejados — contar uma história de forma a deixar a sua marca nos espectadores.» (in, «Opção»).

Vá ao cinema mas consciente de que outros géneros e de qualidade superior existem, apesar de raramente aparecerem entre nós.

E para finalizar, já reparou que o programa da semana é tristemente mediocre?

FARMÁCIAS

QUARTA — Farmácia Higiene

Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

QUINTA — Grande Farmácia

Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

SEXTA — Farmácia Teixeira

Rua 10 n.º 46 — Telefone 920352

SÁBADO — Farmácia Santos

Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

DOMINGO — Farmácia Paiva

Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

SEGUNDA — Farmácia Higiene

Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

TERÇA — Grande Farmácia

Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

MOTORIZADA QUE VAI

Pessoas há que, constantemente, se vêem privadas do seu veículo que muitas vezes bastante falta lhes faz. Mais uma vez isso aconteceu e desta vez coube o azar ao sr. Custódio dos Santos Canastro que no dia 28 viu fugir a sua motorizada Sachs, com a matrícula 3-VFR-58-29, no valor de 24.000\$00. Do facto ocorrido o sr. Custódio apresentou queixa na P.S.P. e, entretanto, fica aguardando na expectativa de poder reaver a sua motorizada.

NASCIMENTO

Numa clínica de Lisboa nasceu ANA SOFIA, filha do espinhense Rui Augusto de Jesus Rodrigues da Silva e de Ana Paula da Conceição Costa e Silva.

Instituto Francês do Porto

«CENTRO DE ESPINHO»

ANO LECTIVO DE 1976/1977

ABERTURA DAS AULAS no dia 6 de Outubro

INSCRIÇÕES na ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

PUB.

Lourosa

Final, que se passou na Festa do S. Miguel?

S. Paio de Oleiros

Costuma celebrar-se a 29 de Setembro, junto a uma capelinha de Lourosa e lugar da Feira dos Dez, a festa de S. Miguel. Como na maioria das festas, também esta tem uma parte civil (de negócio e diversões) e uma parte religiosa (celebração litúrgica e procissão). Muitas vezes estes elementos se confundem, e a festa religiosa transforma-se numa mera ocasião de negócio, de feira.

Foi para este aspecto que o Pe. Bernardino Alves, encarregado da paróquia de Lourosa, chamou a atenção da Comissão de Festas local. Numa linha de coerência com posições anteriormente assumidas quanto à festa de S. Paio de Oleiros, chamando a atenção para a necessidade de encontrar formas mais autênticas e mais cristãs de fazer festa, o pároco também lembrou que a procissão não era assim muito concorrida, e já o anterior abade, Pe. Joaquim, se tinha recusado a presidir-lhe dois anos atrás. Portanto, já vinha de longe o desejo e a necessidade de substituir tal manifestação religiosa por outras mais verdadeiras e mais condizentes com os autênticos problemas das pessoas.

Tal foi a posição do Pe. Bernardino perante a Comissão de Festas: seria assegurado todo o serviço litúrgico, mas o padre não faria sair a procissão. E a Comissão realmente percebeu a justeza dos argumentos apresentados. As coisas pareciam encaminhar-se no bom sentido. Mas... Mais tarde houve mudança de posições e começou a notar-se que, por trás de alguns elementos da Comissão outra gente pretendia manobrar. Assim foi, ao que parece.

Daí para diante as coisas precipitaram-se. Houve recurso para o bispo (que entendeu que o assunto não devia

transcender o âmbito paroquial e devia ser resolvido pelo pároco), houve tentativas de mobilização das pessoas contra o padre, houve a distribuição de um comunicado baixo, sujo e malcriado, com a agravante de incitar à violência num tipo de linguagem que logo identificava o(s) seu(s) autor(es) perante o povo da região. Sabe-se que este comunicado, assinado pela Comissão de Festas, saiu sem o conhecimento de alguns elementos dessa Comissão, os quais, perante manobras tão baixas, se dessolidarizaram de toda a actividade dos colegas. Sabe-se que a Comissão, inicial-

mente, tinha receio de não poder pagar todas as despesas, mas agora para o fim já o dinheiro não constituía problema, pois havia a promessa de que seriam cobertos todos os encargos, caso eles levassem o «assunto até ao fim». Sabe-se que a procissão ao S. Miguel não foi mais do que um pretexto para uma nova tentativa contra os padres da região, após os últimos desaires sofridos (aliás, no domingo anterior à festa parece que terá havido num certo lugar uma reunião preparatória das «operações», à qual es-

CONTINUA NA PÁGINA 6

Nogueira da Regedoura

Dois clubes, um problema!

Nogueira não tem, como muitas freguesias, um clube que centralize a actividade desportiva da freguesia e reúna assim forças para a representar. Tem sim dois clubes que, cada um para seu lado, praticam o desporto preferido da terra, o futebol: o Relâmpago F. C. Nogueirense e o Centro de Recreio Popular de Pousadela, este último filiado na Inatel. Foi precisamente a rivalidade que os separa que não permitiu que se congregassem todos os esforços (que não seriam poucos) para que Nogueira fosse efectivamente servida quanto a desporto.

A esta rivalidade, quase hostilidade, por vezes, não será estranha a circunstância de cada um dos clubes estar implantado em lugares bem dis-

tintos da freguesia: o «Relâmpago» reúne os habitantes do lugar do Souto, praticamente no centro de Nogueira, e o clube de Pousadela congrega a população do lugar do mesmo nome, que está separado do Souto por uma zona de pinhais, desabitada. Talvez este relativo isolamento tenha contribuído para a criação de um certo tipo de «bairrismo», que assim foi transportado para o desporto. Mesmo nos nossos dias, já com melhores vias de comunicação, com o desenvolvimento da freguesia, com os seus habitantes a largarem os campos e a escolherem as fábricas vizinhas, já portanto com a barreira geográfica a desaparecer, mes-

CONTINUA NA PÁGINA 6

Idanha

SUAS CARÊNCIAS E O GRUPO DESPORTIVO

Na região que pretendemos abranger na nossa acção, uma lacuna se ia notando até hoje, a Idanha, freguesia por nós praticamente ainda não mencionada. Assim, com instruções para sondarmos as carências da Idanha e esperando encontrarmos algo mais que interessasse a estas colunas, partimos para lá num dia que ameaçava muita chuva.

Chegámos ao largo principal e logo tentámos encontrar alguém que pudesse dizer algo para a reportagem. Ao lado da nossa motoneta, o Humberto Pereira Silva, jovem estudante, travava a sua bicicleta, estacionando-a junto ao passeio. Aproveitámos:

«Carências, coisas que façam falta, aqui? Deixe cá ver... não vejo nada: há futebol, há tudo... Talvez umas provas de ciclismo... Há muita malta nova que corre por aí e umas provitas não faziam mal...»

Tentámos desviá-lo o mais honestamente possível para outro tipo

de carências. Exemplificámos: electrificações, saneamentos, etc...

«Ah! Disso não estou muito a par!» — respondeu-nos o Humberto. — «Não sei, não...»

Decidimos não insistir. Pedimos informações para encontrarmos mais pessoas que pudessem colaborar connosco. O Humberto indicou-nos o café do sr. Mário Alves Pereira que, tendo a casa vazia (eram horas de trabalho), nos recebeu amavelmente. Eis o que nos disse sobre o que achava mais necessário à terra:

«Olhe, há falta de água; saneamento quase não existe; a farmácia mais próxima é ou a de Anta ou a Grande Farmácia na rua 62 em Espinho; posto médico a mesma coisa... Sabe, vivemos muito ligados a Anta, apesar de Guetim ser mais próximo. Mesmo a missa é rezada pelo padre de Anta que para cá se desloca...»

A qualquer necessidade, lá nos temos que deslocar ou a Anta, ou mesmo a Espinho, e quanto a transportes, estamos muito mal... Eles

são raros, com excepção, claro, das segundas-feiras. Mas isso não chega.»

Agradecemos a franca colaboração do sr. Mário Pereira e saímos, procurando mais gente, mais opiniões. A chuva é que estava mesmo iminente e tanto nós como o nosso «descapotável» éramos bem vulneráveis... Ah! Mas eis que nos aparece a sra. Olívia Santos à porta da sua casa. Abordámo-la e a muito custo conseguimos saber:

«Aqui só existem três lojas. Fazem falta mais... Quanto a farmácia, também não há... Não sei mais...»

Bom, fomos bater a outra porta. Algumas pingas começaram a cair... «É para valer, ou é só ameaça?» Esperámos que o tempo aguentasse só mais uma meia horazinha, o tempo de nos pormos em Espinho.

Um senhor que trabalhava num quintal indicou-nos o alfaiate da ter-

CONTINUA NA PÁGINA 6

ESCRITAS

PART-TIME

Quaisquer serviços de escritório

Mário A. A. Ferreira

Apartado 47 — Espinho

Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO

A SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

Salsicharia do Mercado

Especializada em carnes fumadas das melhores regiões

JULIA GOMES SOARES (Cadete)

Rua 18 Mercado Municipal (Praça) ESPINHO

A INVASÃO — A guerra dos comunicados continua. Oleiros está a ser invadido. E de fora da paróquia! Mais propriamente de Lourosa! Ou melhor: da Comissão de Festas ao S. Miguel! Era um pergaminho de metro! Mas não era bem um comunicado. Era uma lista de insultos ao senhor abade. Era uma primorosa colectânea de banalidades. Era uma obra-prima de ninharias. Uma procissão de maravilhas, a anunciar a outra procissão ao santo que o padre — segundo eles — não deixaria sair.

Mas. Oleiros invadido não pestanejou sequer. Ninguém estremeceu. Estava tudo firme. Alguém, descendo as escadas do adro da igreja, virou à esquerda, penetrou no W. C. para agradecer respeitosamente o pepelucho dos senhores festeiros. Aproveitou ainda para escrever na porta da sanita um «slogan» revolucionário: — Abaixo a exploração!

A ATENÇÃO DOS PARTIDOS POLÍTICOS — Tenham paciência senhores partidos políticos cá da terra, mas reparem nesses painéis que colocaram há tempos nas estradas e que foram, entretanto, completamente despedaçados pelo vento. Não vêem como são desleigos esses despojos para aí defraldados? E que tal retirá-los ou substituí-los por outros novos? Talvez essa limpeza conseguisse mais partidários. Não acham?

ANDEBOL — Têm decorrido, 10 Pavilhão Gimnodesportivo, treinos de uma equipa local de andebol que, a expensas suas, pretenderá participar no Torneio Regional da modalidade.

O que é estranho é que o Centro Desportivo e Cultural não tenha feito desta vez qualquer exigência, quando se trata de uma direcção a quem sempre os próprios oleirenses pagaram (e bem!) para treinar, por exemplo, futebol de salão.

Será porque as eleições para as Autarquias Locais se estão aproximando?

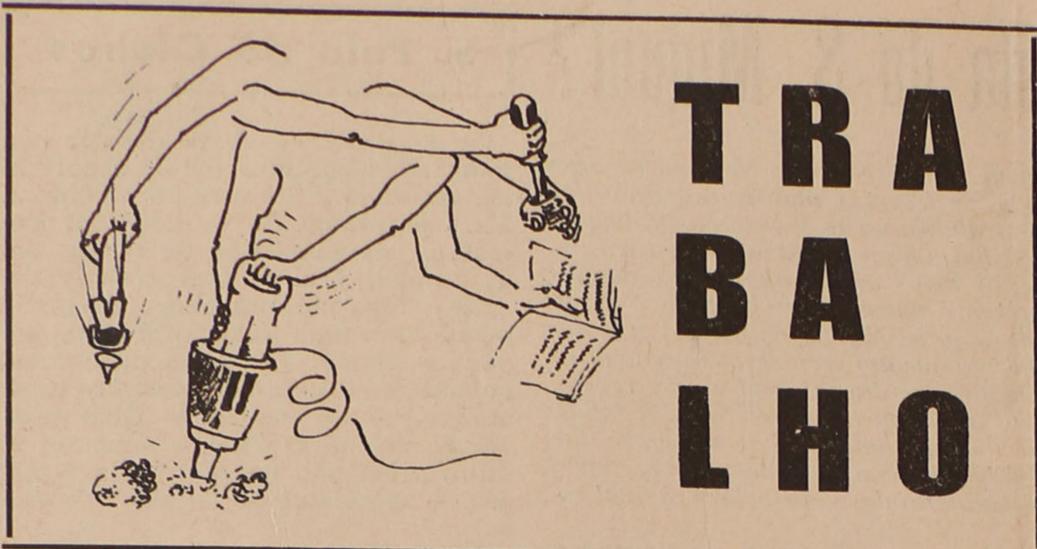
LAVADOURO DAS PEDRAS — Concluída já a fase de conserto deste lavadouro, aguarda-se a todo o momento o início da fase de cobertura, que será simultaneamente o princípio do fim dos suplícios infligidos pelo sol e pela chuva a quem não tem tanques nem máquina de lavar em casa.

De notar, porém, que, segundo apurámos, o processo respectivo encaixou nalguma gaveta da Câmara Municipal, desde há um ano indiferente às repetidas lembranças e insistentes apelos da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia.

NOVO CAFÉ — Abriu, no edifício do Pavilhão Gimnodesportivo de S. Paio de Oleiros, o café «CONVÍVIO — C. D. C.».

Falando com um dos sócios-gerentes, ficámos a saber que se pretende fazer do estabelecimento um verdadeiro centro de convívio, algo diferente do que é habitual ver-se em Oleiros e onde «as senhoras também possam entrar», não servindo, além do mais, para quartel-general de qualquer agrupamento político.

O estabelecimento será dotado de um pequeno quiosque para venda de jornais e revistas. E o «Maré Viva» — prometeu-nos o senhor José Alberto — também lá estará à venda.



DE VIVA VOZ

História de um despedimento

Da experiência de cada um podemos extrair lições que servem a todos. «Maré Viva» fundou-se como jornal com a preocupação de dar voz a todos, de forma a levar mais longe as coisas importantes que tantas vezes, se ficam pelas conversas de café.

A história que nos conta Joaquim Martins (o dirigente sindical cuja tentativa de despedimento noticiámos, no último número) — a sua história — é o exemplo importante, de um trabalhador «do Norte» que, nestes tempos de após 25 de Abril, vai recuperando a sua consciência de classe, na luta que lhe move o explorador e que ele afinal não procurou. As palavras de Joaquim Martins:

Sou papeleiro, há 30 anos. Nesse tempo todo, até há dois anos, entrei no meu Sindicato umas duas vezes.

Pouco depois do 25 de Abril, o pessoal entrou pelo Sindicato dentro e elegeu uma comissão «ad hoc» para substituir os que lá estavam.

Um mês depois, telefonou-me um filho do patrão:

— Oh Martins, você vá amanhã ao Sindicato e avise todo o pessoal para ir, porque vai haver lá uma reunião. Eles parece que querem levar o Sindicato para Aveiro e, para vocês é pior.

Eu comecei por dizer que não queria nada com isso, mas ele disse-me que o encarregado de outra fábrica lhe tinha telefonado a dizer para ele avisar os trabalhadores, etc., e eu fui. Da minha fábrica, os homens foram todos.

A Assembleia era para a eleição de uma Comissão Administrativa. Abriram-se as inscrições para os elementos que quisessem fazer parte e inscreveram-se, ao todo, 27, nos quais eu fiquei incluído. Na votação secreta que se seguiu, o meu nome ficou entre os sete mais votados e assim cheguei a tesoureiro do Sindicato.

ESTAMOS SATISFEITOS, SENHOR PRESIDENTE!

A partir dessa altura, comecei a ver como eram as coisas e fui abrindo os olhos aos meus colegas. Disse-lhes sempre:

— Oh rapaziada, nós não queremos nada que seja do patrão, mas aquilo a que tenhamos direito, tem de nos ser dado.

Isso valia-me repreensões, c'os diábolos: que eu era um inexperiente, que não tínhamos direito a nada, enfim, comecei a ter pequenas zangas com o patrão, mas nada de importante.

Passados uns tempos, foram aprovados novos estatutos e deu-se a eleição da nova direcção. Apareceu uma única lista que fomos nós que a fizemos. Dela faziam parte 21 elementos e, eu, depois de insistirem muito comigo, porque eu não queria (já com a Comissão Administrativa tinha prejudicado a minha vida familiar, a minha saúde) aceitei que me distribuíssem o cargo de Presidente.

Na segunda-feira, a seguir às eleições, quando cheguei à fábrica o patrão deu-me os parabéns:

— Estamos satisfeitos, sr. Presidente!

Isto foi em Outubro de 75. Já em Novembro, cheguei um dia à fábrica, era uma segunda-feira, estava tudo parado. Perguntei o que se estava a passar e um empregado lá do escritório disse-me para eu reunir o pessoal, que o patrão vinha já para eleger uma comissão de trabalhadores. O pessoal reuniu

todo, lá em cima, e logo, o mesmo empregado, foi anunciando:

— Estamos aqui reunidos, pela primeira vez, porque o patrão quer uma comissão de trabalhadores...

O pessoal, umas empregadas que estavam lá para trás, começou logo a dizer:

— Isso não pode ser, isso é ilegal.

E outros:

— Pois se nós nunca tivemos aqui uma comissão sindical, nunca quisemos nada disso...

ELE NÃO QUER COLABORAR!

Começou para ali um burburinho, foi pessoal para a janela e, entretanto, o patrão lá chegou. Chamou-me ao gabinete dele e disse-me:

— Eu já te havia de ter dito, mas como ontem foi domingo, e tu trabalhas no turno da manhã, não faz diferença nenhuma. Como já deves saber, eu quero eleger uma comissão de trabalhadores.

Eu disse-lhe que aquilo era ilegal e o pessoal já estava a protestar. Ele respondeu-me que íamos lá acima, eu e ele, e calávamos o pessoal. Como eu não aceitava, ele começou:

— Sabes, tu és Presidente do Sindicato e já deves ter visto que isto está mau, não é?

Eu concordei e ele continuou:

— Temos aí cinco motoristas e só precisamos de quatro. Por exemplo, o João está velho, parece rompido da cabeça, os outros já se queixaram que nem ata bem as cargas; ele já não precisa disto para nada. Temos ali a Cão e a Fátima, elas não valem nada, ainda por cima andam p'ra ter bebé; temos aquele servente, um malandrete, não faz nada... estás a ver o prejuízo que é para a fábrica.

Ele continuou a desfiar casos, para concluir:

— Se tu concordasses, nós elegíamos a comissão de trabalhadores, tu, és Presidente do Sindicato, fechavas os olhos, se alguém fosse para lá dizer alguma coisa, tu dizias que tinha sido tudo bem feito. Ao fim do ano, eu gratificava-te e ainda metíamos uns contos ao bolso.

Eu comecei a sentir-me mal, ainda lhe respondi:

— Tenha paciência, mas eu não posso aceitar isso, os trabalhadores sabem e matam-me.

Ele rebentaram-me as lágrimas nos olhos.

Chegou o empregado de escritório, ele apontou para mim e disse-lhe:

— Ele não quer colaborar!

Saimos. O pessoal viu-me e começaram a dizer que eu estava a chorar. Eu

Dirigente sindical agredido

Foi na quarta-feira, dia 22, faltava um quarto de hora para as nove da noite. Caminhava pelo meio de um pinhal, viu uma luz junto ao ribeiro, julgou tratar-se de alguém à pesca das enguias; continuou o seu caminho. De repente, ouviu um ruído, olhou julgando tratar-se de algum coelho... Uma primeira pancada prostrou-o: «Ah, meu filho da... meu comunista, daqui não saís com vida!», e logo um pontapé lhe roubou os sentidos.

Recobrou, longe dali, passado algum tempo. Arrastou-se a pedir socorro e, finalmente, foi conduzido ao hospital de Ovar.

Os cobardes agressores, agindo a coberto da noite, num pinhal ermo, continuam por identificar. O agredido, sr. Possidónio Silva, Presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos

de coração e inteligência à defesa dos direitos dos seus colegas de trabalho.

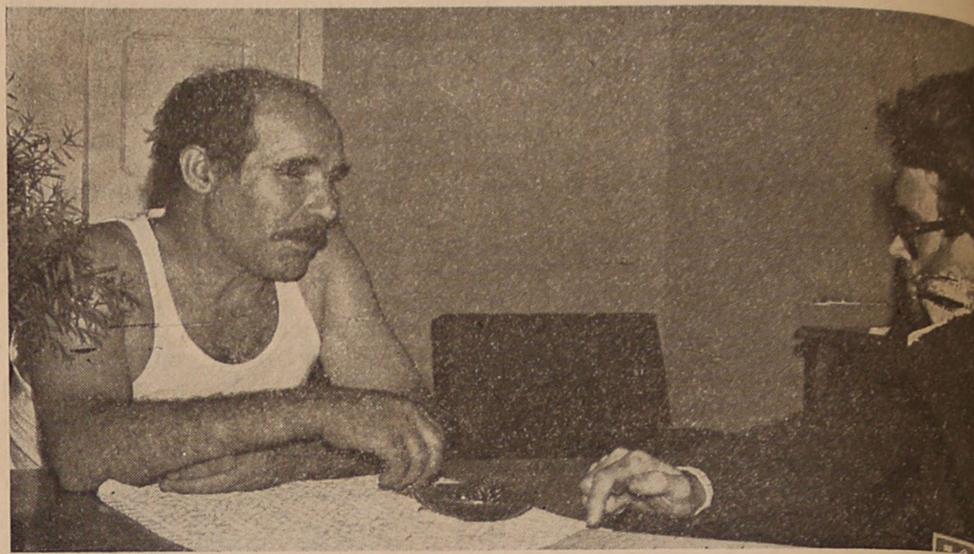
O sr. Possidónio tem inimigos — os inimigos da sua classe. Tem parentes que o evitam — não vão os senhores das fábricas exercer represálias. Não foi esta a primeira agressão que sofreu. Ameaças, até de bombas, não lhe têm faltado, isto, para não falar em coisas de outros tempos.

Desta vez, queriam mesmo matá-lo. Não nos admira. Ainda recentemente o assassino de um sindicalista vidreiro foi mandado em liberdade para poder gozar o «prémio» de uma vida regalada no estrangeiro.

Que intenções tinham estes assassinos? Eliminar um sindicalista, por simples terrorismo? Impedir a Assembleia Geral a que o sr. Possidónio deveria presidir, no domingo seguinte?

Compete à Judiciária encontrar a resposta, que toda a gente exige. Uma coisa é certa, se tinham intenção de acabar com o homem, falharam! O sr. Possidónio affiançou-nos:

— Agora é que eu não viro a cara! Só tenho como objectivo, defender intransigentemente a classe a que pertença.



— Agora é que eu não viro a cara! Só tenho como objectivo defender intransigentemente a classe a que pertença.

Cordoeiros, teve, depois de uns dias de cama, a visita do «Maré Viva».

Já recomposto, recebeu-nos com palavras boas, de homem bom e lutador que é.

Mostrou-nos o braço que ainda não mexe bem, mas com certeza vai melhorar. Conversámos um pouco. Ficámos a conhecer melhor um trabalhador ligado à luta antifascista, de longa data, conhecido e estimado na sua terra, operário na Lusotufa onde, como delegado sindical se dá

dónio deveria presidir, no domingo seguinte?

Compete à Judiciária encontrar a resposta, que toda a gente exige. Uma coisa é certa, se tinham intenção de acabar com o homem, falharam! O sr. Possidónio affiançou-nos:

— Agora é que eu não viro a cara! Só tenho como objectivo, defender intransigentemente a classe a que pertença. Lutar para que haja condições para a criação de um socialismo como deve ser.

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartão Canelado, Sacos de Papel e Afins dos Distritos de Aveiro, Braga e Viseu

PAÇOS DE BRANDÃO

CONVOCATÓRIA

Convidam-se os Associados deste Sindicato, a comparecerem à Reunião Geral de Trabalhadores Extraordinária, a realizar no próximo dia 10 de Outubro, às 10 horas, na sede em Paços de Brandão.

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º Esclarecimento sobre o A.C.T. — Vertical em vigor.
- 2.º Análise ao movimento sindical actual.
- 3.º Informações.

O Presidente da Assembleia Geral,
a) Manuel António Mota Magôlo

TRABALHO

NOTÍCIAS

Na «Pereira Alves»

AFINAL, ESTAMOS NA MESMA

Parece terem-se gorado as negociações da firma «Pereira Alves» com os armazenistas Rocha & Sobrinhos, que, conforme noticiávamos no último número, eram dadas como certas e conduziriam ao fim do conflito que se vem arrastando naquela firma. Está pois, de novo, remetido para encontros a solução de um conflito cujo fim parece bastante simples, mas se revela difícil de encontrar.

Assembleia geral de Cordoeiros

Realizou-se, no passado domingo, dia 26, uma Assembleia Geral do Sindicato dos Tapeteiros, Cordoeiros e Re-deiros, com vários pontos na ordem de trabalhos.

Esta Assembleia foi presidida pelo Vice-Presidente, na ausência do Presidente, impedido devido à agressão que noticiamos. O primeiro ponto, aprovação do Balanço e Relatório e Contas do ano 75, decorreu sem novidades. No segundo ponto, o mais importante da ordem prevista, ficou decidida a adesão à Federação dos Têxteis, o que significa que o Sindicato vai entrar nas negociações do Contrato Vertical para o sector.

Estiveram presentes centenas de operários associados, que testemunharam o seu apoio à acção directiva do actual elenco do Sindicato.

Está prevista, para breve, uma nova Assembleia para apreciação do Projecto de Regulamento do Congresso dos Sindicatos.

A Intimidação alastra

Temos vindo a noticiar vários casos ligados a uma onda de tentativas de despedimento, especialmente de delegados e dirigentes sindicais, iniciada nos princípios do mês passado. Chega-nos agora mais um caso ao conhecimento. Começou a circular, na firma onde trabalha, um abaixo assinado, pedindo o despedimento do dirigente sindical corticeiro, Carlos Dias Marques, com a alegação de que ele perde muito tempo com as coisas do Sindicato. Trata-se de um grave atentado a um direito dos trabalhadores, que lhes é garantido na Lei. Ao encetar tal manobra, a entidade patronal conta com a inconsciência que, infelizmente, ainda vitima muitos trabalhadores e com a passividade tácita de quem deveria velar pelo cumprimento das leis. Daremos mais notícias.

Crianças deficientes

APELO

— A todos os pais e responsáveis pela educação de crianças deficientes para comparecerem no sábado, dia 9, pelas 15 horas, no edifício dos Paços do Concelho, afim de tomarem parte numa reunião promovida pela — CerciEspinho —.

Nós e o leitor

A democracia e o povo português

O autor deste artigo não pretende dar lições de *democracia*, seja a quem for. Mas, entendendo bem o significado de *democracia*, entende defendê-la pelos métodos ao seu alcance. A *democracia* deve ser acompanhada no seu todo com a cultura do povo e seu desejo de viver com ela, nunca contra isso. É bastante filósofo todo aquele que, em nome da *democracia*, se levanta em «armas», para destruir essa mesma *democracia*.

Assim vai acontecendo neste país que ainda não encontrou alicerces para a edificação duma *democracia*. Está ainda em jogo a defesa de

privilégios, contra a constituição de uma nova sociedade de que ninguém conhece os frutos!

Antes que o povo português possa conhecer o significado de uma *democracia*, terá de se bater pela cultura e depois praticá-la no seu sentido específico.

Democracia com egoísmo não é praticável. *Democracia* sem cultura também não é praticável. Viver-se em fraternidade com o semelhante reconhecendo-se os direitos dos outros semelhantes, já será saber-se *viver em democracia*.

Alberto Alves de Almeida

Empregos no hospital

Em face do constante aumento de desempregados que se verifica no nosso país, parece impossível que organismos como por exemplo o Hospital de Espinho ainda esqueça de dar preferência a desempregados em lugar de empregar reformados, quando o seu vencimento é suficiente para um desempregado e criam mais postos de trabalho.

Cartas anónimas

Cumpra à Redacção do «Maré Viva» elucidar os seus leitores de que tem por princípio não proceder à publicação de cartas anónimas, qualquer que seja o seu teor. Poderá no entanto fazer publicar correspondência sem identificação do autor, quando este, devidamente identificado, manifestar o desejo de que sobre o seu nome seja mantido sigilo.

Parece impossível como organismos oficiais não procuram dar preferência a pessoas sem emprego.

Agradecia que fizesse eco deste apelo a fim de que a Comissão Instaladora possa intervir quando nomeada.

Raúl Gonçalves — Esmojães

Rubi

RELOJOARIA ■ OURIVESARIA

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 — Telef. 920592
ESPINHO

Nascente

Pagamento de quotas

Lembramos aos associados da Cooperativa que deverão pagar as quotas com regularidade mensal. Poderão fazê-lo na sede da Cooperativa — Rua 62, n.º 251-1.º ou antes das sessões de cinema (neste caso deverão chegar cedo para evitar perderem o início do filme).

Quanto aos simples assinantes de «Maré Viva» poderão enviar o pagamento da assinatura (na base de 15\$00 cada mês, ou seja assinatura anual: 12 M X 15\$00 = 180\$00 por vale ou cheque para o Apartado 43, evitando-nos assim as despesas de cobrança).

Apelamos para que os sócios que puderem paguem, desde já, as quotas até ao fim do ano, pois isso nos permitirá juntar um fundo para as despesas de lançamento, que ainda se fazem sentir, e libertar os serviços administrativos para outras tarefas.



O VIVEIRO

Aves — Peixes — Gaiolas Nacionais e Estrangeiras — Aquários — Alimentações — Pombos Correios — Pintos do Dia

Rua 23 n.º 51 e 52 — Telef. 921622
Mercado Municipal — ESPINHO

História de um despedimento

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

não me contive, subi para cima de uns sacos de cimento e contei a toda a gente o que se tinha passado e o que o patrão pretendia. Ele agarrou e pôs-se a andar no «Mercedes».

ESTÁS A PASSAR POR UMA GRANDE COISA AQUI DENTRO!

Depois disso ficou tudo para ali parado. Eu dirigi-me aos do escritório e disse-lhes que deviam pôr a fábrica a trabalhar, que aquilo até parecia uma greve. Eles responderam-me que, sem eleger a Comissão de Trabalhadores, o patrão não deixava trabalhar.

Eu fui então ao Sindicato e telefonei para Aveiro, para a delegação do Ministério do Trabalho. Expuz o que se estava a passar e eles disseram que iam tratar do assunto.

Regressei à fábrica e, enquanto andava ali de um lado para outro, os empregados do escritório insultavam-me do piorio. Eram duas da tarde, veio finalmente recado de Aveiro, para lá ir uma delegação de elementos de cada sector da fábrica: papeleiros, metalúrgicos, escritório, etc.

Do escritório, começaram por dizer que não ia ninguém, mas, depois o patrão deu ordem para se começar a trabalhar e ir alguém do escritório a Aveiro, também.

Em Aveiro, reuniu connosco um agente da Inspeção de Trabalho que disse que sim senhor: nós podíamos eleger uma comissão de trabalhadores, por voto secre-

to, e se necessário, poderia vir alguém de lá para fiscalizar.

No dia seguinte, fui trabalhar, os filhos do patrão «colaram-se» a mim e não desligaram, nem quando eu fui à casa de banho. Eu mantive a calma.

Entretanto, fui avisado que as trabalhadoras de uma secção ao lado estavam a ser chamadas, uma por uma, ao escritório e que era por minha causa. A hora do almoço, um amigo meu, pai de um trabalhador, soube do que se estava a passar e tentou avisar-me pelo telefone. Porém, na fábrica, conseguiram impedir-lo, dizendo que o telefone estava avariado. Só ao meio da tarde soube ao certo o que se estava a passar, pediam às operárias para assinarem um papel, em como me tinham visto em cima de uma mulher, na fábrica. Diziam que podiam assinar que era para bem da fábrica, que não fazia mal a ninguém, etc.

Ao saber isto, fui logo ao escritório. A empregada avisou o patrão de que eu lhe queria falar. Ele disse para eu esperar que não podia receber-me, e pôs-se a bulir. Posto isto contactei o delegado do Ministério do Trabalho de Aveiro, a quem contei o que se estava a passar, ele comentou:

— Isso é grave!

NADA DAQUILO ERA VERDADE

O mesmo delegado convocou uma reunião a que compareceram o patrão e o Sindicato. O patrão sacudiu a «água do capote», dizendo que não era nada com ele, que tinham sido os empregados de

escritório que estavam a fazer um processo disciplinar porque os trabalhadores iam lá apresentar queixa. Depois concordou com uma proposta do Dr. Delegado, de vir, ele próprio, fazer um inquérito na presença de um dirigente sindical, de um representante dos trabalhadores, da entidade patronal e de um membro das Forças Armadas. Passados dias telefonou para Aveiro a dizer que não autorizava inquérito nenhum.

Algum tempo depois o patrão enviou o processo ao delegado sindical. Este entregou-o no Sindicato que deu conhecimento a Aveiro. O Dr. Delegado pediu uma cópia à firma, como esta negou, pediu-a ao Sindicato que lha enviou. O processo, por falta de cumprimento de alguns requisitos legais, foi dado como nulo. No entanto, o Dr. Delegado entendeu esclarecer toda a verdade e decidiu fazer um inquérito sobre a forma como tinha sido conduzido o processo disciplinar contra mim. Para fiscalizar esse inquérito foram convidados vários sindicatos e a entidade patronal que não aceitou.

Nesse inquérito depuseram ao todo 27 trabalhadores e nenhum concordou com as acusações que o patrão me fazia.

Das três trabalhadoras que afirmavam, no processo do patrão, que me tinham visto no dito acto, uma disse que não sabia de nada, as outras disseram cada uma a sua coisa, em conclusão, ficou provado que nada daquilo era verdade.

Estávamos em Janeiro de 1976.

Termina aqui a primeira parte desta história. Como é fácil adivinhar e os nossos leitores já sabem o sr. Orlando não desistiu. No próximo número continuaremos a ouvir Joaquim Martins que nos revelará os pormenores seguintes.

Nogueira da Regedoura

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 3

mo assim, dizíamos, persistem as recordações de desavenças antigas, que não são esquecidas tão facilmente como se poderia pensar e desejar.

Deste modo se pode compreender como Nogueira, com algumas tradições desportivas tenha, nesse campo, pouca projecção fora de portas. E, no entanto, de Nogueira saíram ciclistas como os irmãos Alberto e Joaquim Carvalho e futebolistas de bom plano, como é o caso de Raúl

do Sporting Clube de Espinho. Deu-se mesmo o caso de a equipa principal do Grijó chegar a ter nas suas fileiras sete nogueirenses.

Nogueira tem pois potenciais desportivos que não têm sido devidamente aproveitados em prol da freguesia. A prová-lo está a grande movimentação desportiva que a freguesia tem conhecido desde há um ano para cá.

Nessa altura, a D.G.D. promoveu a organização de núcleos de animação do mini-futebol para as crianças. Como era inevitável, constituiu-se um núcleo de jovens agregado a cada um dos clubes, que utilizavam o campo de cada um deles. Mas estes animadores, que trabalhavam

junto das escolas, cedo se aperceberam de que trabalhando separados cairiam no perigo de incutir nas próprias crianças o «bichinho» da rivalidade. Acharam por bem fundir-se num só núcleo. Daqui à ideia de unir os clubes foi um pequeno passo. Simplesmente as tentativas feitas não surtiram o efeito desejado. Convocaram-se reuniões conjuntas das direcções dos dois clubes, onde uma dessas direcções nunca chegou a aparecer e a outra não se mostrava suficientemente receptiva à ideia da união.

Falhou assim o projecto de reservar um dos campos para o futebol e o outro para outras actividades desportivas que estão em lançamento. É o caso do voleibol (que tem

um campozinho próprio) e do andebol. Paralelamente aos dois clubes e pequenos grupos de jovens interessados na promoção do desporto, nomeadamente um que pensa no atletismo e no basquetebol.

O núcleo do mini-futebol, que forneceu os elementos para a elaboração destas linhas, anunciou-nos que está nos seus propósitos a criação de uma secção desportiva que una estes pequenos grupos numa acção comum e mais consequente. Quanto aos clubes, a união tão desejada não parece fácil, mas o projecto não é de pôr de lado, tanto mais que as populações dos dois lugares não são tão avessas à ideia como as direcções. Uma questão de tempo...

Lourosa

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 3

tiveram presentes indivíduos de Mouselos, de São Paio de Oleiros e de Lourosa).

O Pe. Bernardino fez sair um comunicado em que explicou a sua posição e o modo como tudo se tinha passado. Também o Sindicato dos Corticeiros, fortemente implantado na zona, entendeu pronunciar-se publicamente na parte que lhe dizia respeito, por ver as manobras em curso para dividir e pôr

trabalhadores contra trabalhadores. Assim, entendeu o Sindicato que as entidades patronais estavam a servir-se da festa de S. Miguel para distrair os trabalhadores de alguns problemas graves cuja solução tarda, como o pagamento de retroactivos ou subsídios de férias há muito devidos. E estranha que alguns patrões permitam «a saída de trabalhadores da sua firma, pagando-lhes o tempo que perdem [para ir à procissão], mas aos delegados sindicais não lhes é permitido reunir ou convocar plenários de trabalhadores de acordo com a lei, quando disso têm necessidade».

E lá chegou o dia de S. Miguel. Expectativa natural à volta do que se iria

passar. Afinal, pouco se passou, a não ser mais uma clara derrota para esses senhores que teimam em reconquistar poderes ou prestígios de antigamente. Mais uma vez o povo não esteve disposto a ouvi-los e preferiu analisar por si, no concreto, de que lado estava a razão. A procissão saiu por iniciativa exclusiva da Comissão (facto que lhe poderia acarretar consequências graves, se quem de direito estivesse disposto a apresentar queixa...), mas incorporou muito pouca gente. Levou sobretudo crianças, que são as mais fáceis de aliciar, porque ainda não sabem determinadas coisas. E, nota curiosa, também na procissão se incorporaram (mesmo sem opas...)

determinados senhores que nunca ninguém vê pela Igreja... Enfim, quem sabe?, talvez conversões de última hora que fazem sempre um certo arranjo!

A propósito das pessoas interessadas na religião, costuma dizer o povo: «Só te lembras de Santa Bárbara quando troveja!» Pois aqui parece que também houve quem se lembrasse de S. Miguel apenas porque as coisas estavam a correr mal e havia necessidade de uma vitória... Mas ainda não foi desta. Nem parece vir a ser por estes tempos. Na alegria de mais um passo em frente, o povo de Lourosa ganha força para prosseguir o seu caminho.

Idanha

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

ra, pessoa «que tinha muitas coisas a contar...»

Não perdemos tempo. Um trinta ou quarenta gotas mais tarde, estávamos perante o sr. Domingos de Sousa e Silva, que enquanto praticava a sua arte, muito nos foi dizendo. O sr. Domingos, além de alfaiate, é também por «carolice» tesoureiro do «jovem» Grupo Desportivo da Idanha. Sobre este agrupamento conversámos um pouco:

«Pois bem, nós começamos há

cerca de um ano, sem apoios de ninguém. Num terrenozito a «mato», com o esforço de toda a malta, limpámos tudo «à mão» e, com uma subscrição a toda a população metemos um tractor. Assim fizemos o nosso campo de futebol, modalidade que, devido às suas características acessíveis, escolhemos para o arranque. Pensamos em muitas mais modalidades, mas por enquanto temos que nos contentar com o que há, pois falta dinheiro e temos algumas dívidas a pagar.

Temos ao lado do campo um local já reservado para um parque infantil que será iniciado logo que tivermos apoio.

Já possuímos também uma sede, edifício já velho, mas onde co-

locámos uma televisão e algumas mesas. É ali que a malta se encontra, passa um bocado de tempo agradável e, ao mesmo tempo, angaria fundos para o Grupo.

Faço um apelo ainda à Junta para que mande abrir o caminho que acaba na Lagarta até ao Carvalho, melhoramento que iria beneficiar imenso a população, dando-lhe acesso à Ponte de Anta. Há também uma pontezinha que nós construímos de madeira (e que por isso não vai durar muito) que necessitava ser substituída por uma de pedra. Serviria o nosso campo e também as pessoas que trabalham ali nas fainas agrícolas.

Nota, no entanto, pouco bairrismo cá na terra; muita gente não com-

preende bem o nosso trabalho que é em benefício de todos ao fim e ao cabo.»

Despedimo-nos e prometemos voltar, pois o G. D. da Idanha merece uma reportagem mais demorada.

Saímos da alfaiataria e dirigimo-nos para a motoreta, pois eram horas de regressar. A chuva estava «por um fio». Arrancámos e... «o fio» quebrou: uma chuvada «daquelas» irrompeu, apanhando-nos a sair da Idanha.

Conhecem aquele episódio em que o nosso Luís de Camões, depois do naufrágio, nadou com um braço, segurando no outro o imortal escrito? Foi mais ou menos isso...

Até breve, Idanha!

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275
Telef. 920413

ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS

na BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 — ESPINHO

Pintura de Automóveis

com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO
Alzira Pereira de Azevedo

GARAGENS: ABEL — SOUSA
— S. PEDRO

Vende-se

TERENO PARA CONSTRUÇÃO
Area 1.500

Falar na
Rua 24 n. 781 — ESPINHO

ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752 ESPINHO

TALHO e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes
Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

Pinturarte

Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística
Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras
— em todos os estilos —
Candelários — Louças — Cristais
— Alcatifas — Electrodomésticos, etc. —

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13 SEIXEZELO ARGONCILHE



NAASCE—A Força do Atletismo

(Conclusão da 1.ª página)

traímos os dados que nos pareceram mais significativos.

COMO TUDO COMEÇOU

A ideia partiu de próprio Jorge Ramiro e de outros entusiastas do atletismo, que começaram a mobilizar jovens do Liceu e com eles passaram a treinar regularmente, utilizando para o efeito a praia. Com a adesão de mais gente, começou-se a ver onde procurar apoios para o desenvolvimento das actividades. Contactado o Departamento das Actividades Amadoras do S. C. Espinho, na pessoa do seu dirigente, Eng. Arménio Gomes, a ideia foi acolhida com entusiasmo e a integração no D.A.A. tornou-se uma realidade. Passou-se isto em Janeiro deste ano, mas apesar da boa vontade daquele departamento, as suas possibilidades de apoio material eram reduzidas, embora as instalações do clube estivessem ao dispor.

Contactou-se por isso a D.G.D. em Aveiro, mas esta anunciou que não poderia ser concedido qualquer apoio a um clube com futebol profissional. Daí a necessidade de a secção de atletismo se apresentar com uma nova designação, de que resultou o nome actual de NAASCE. Mas mesmo assim, a D.G.D. só apoiaria se visse trabalho. E viu trabalho. O recrutamento de jovens praticantes foi intensificado, organizaram-se provas, de tal modo que foi possível participar no Juvendo promovido pela D.G.D. com participação nas provas Distritais em Aveiro, Regionais em Coimbra e Nacionais em Viseu.

E apesar de a preparação ter sido curta (só cinco meses) os resultados foram animadores, com um título regional em lançamento do peso feminino e um distrital em 4 x 100 metros, equipas mistas.

Mas as actividades não se restringiram à esfera da D.G.D. Houve numerosos contactos com os clubes da região do Porto, com a participação em numerosas provas, como aconteceu em Ramalde, Paredes, Avintes, Valbom, Devesas e outras localidades. Para as despesas destas deslocações contribuiu em parte o D.A.A. do S.C.E. São apesar disso as que têm maior interesse, dado que para Aveiro, embora custeadas pela D.G.D., as viagens são mais incómodas e desmobilizadoras, sobretudo no que se refere ao tempo perdido. Daí o

desejo do NAASCE em ser integrado na D.G.D. do Porto, no que aliás teria todo o apoio dessa delegação e dos próprios clubes do Porto. Um velho problema que em Espinho já tem tocado outros sectores desportivos.

TRABALHO E DIFICULDADES

Cá pela terra, os treinos ganharam regularidade e viram muito aumentada a sua frequência. Foi o caso de uma sessão de preparação e corridas efectuadas nas ruas da Mata, que após uma certa desconfiança, convenceu os jovens daquele lugar a participarem, a ponto de já cerca de 30 estarem integrados no Núcleo. Este trabalho de captação tem resultado, com os treinos a reunirem já cerca de 120 atletas dos 6 aos 30 anos.

Como é evidente nem tudo são rosas. O campo do Espinho frequentemente utilizado não tem as condições necessárias, o que obriga a que, para o treino de saltos, se tenha de recorrer ao liceu. O material também é pouco. Não há barreiras, faltam apetrechos de lançamentos e há mesmo dificuldades para se equiparem minimamente os atletas. E o D.A.A. não dispõe de verba para grande voos.

Mesmo a utilização dos balneários não é a ideal, o que obriga a que os atletas, das mais diversas idades, tenham que utilizar um mesmo balneário.

No meio de todas estas carências, os monitores dão o seu trabalho gratuitamente, o que permite minorar as despesas. Mas nem por isso a preparação é dada mais ligeiramente, isto é, as crianças e mesmo os mais velhos não são postos a correr, a saltar, de qualquer maneira. Há todo um programa de preparação com exercícios musculares, de «endurance», etc. Mesmo o problema da alimentação tem merecido o devido cuidado, pois é conhecida a sua influência no rendimento dos atletas. Nesse campo, tem-se feito uma acção educativa a que não faltam as palestras e os filmes.

UMA EQUIPA FEDERADA?

Trata-se pois de trabalho sério, que já tem as suas compensações, mas que poderá ainda vir a dar melhores frutos, embora o objectivo não sejam os títulos. Um dos projectos é estender as actividades aos clubes populares do concelho e às fregue-

FUTEBOL

Espinho-Salgueiros (adiado)

O que prometia ser um «grande» jogo, acabou por não ser sequer jogo. O mau tempo foi o grande responsável, mas diga-se que o campo da Avenida deixa muito a desejar quanto ao escoamento das águas das chuvas.

Ao fim e ao cabo, os tesoureiros do S. C. de Espinho ficaram a ganhar com o adiamento, pois a receita do encontro, ainda por cima era «dia do clube», seria por certo prejudicada pelo mau tempo. Quem ficou a perder? Os «carolas» que se expuseram a uma molha e saíram desiludidos e o próprio interesse competitivo da prova, que não é nada beneficiada por estes «descontos».

VOLEIBOL

Entrevista com Luís Resende e Carlos Prata

No intuito de divulgarmos algo sobre a actividade das colectividades na região de Espinho onde se pratica o Voleibol, escolhemos para começar o Sporting de Espinho, clube que tem um grande e valioso palmarés na modalidade. Para o efeito, ouvimos as declarações de dois jovens técnicos espinhenses, Luís Resende e Carlos Prata, cujo trabalho no Sporting de Espinho tem sido bastante profícuo.

M. V. — Gostaríamos que nos falassem do trabalho desenvolvido e a desenvolver na Secção de Voleibol do Sporting Clube de Espinho.

«Em relação ao trabalho desenvolvido na equipa sénior, achamos serem significativas as conquistas feitas na época finda, não em matéria de êxito competitivo, mas em qualidade e quantidade de trabalho, trabalho este que segundo compromisso assumido no início da época por jogadores, técnico e directores vai ser continuado e melhorado. É digno de realce, que uma equipa totalmente amadora consiga fazer 5 sessões de treino semanais. Depois disto prevemos uma boa participação da equipa sénior neste próximo campeonato nacional, até porque não acreditamos em milagres e só com muito trabalho se pode construir algo. Mas, se houver trabalho, com certeza que colheremos os frutos.»

No que respeita aos seniores femininos nota-se a influência de condicionalismos sociais, ligados a uma tradição judaico-cristã que tende a minimizar o papel da mulher e do corpo, que trazem efeitos perniciosos à prática desportiva, esquecendo porém que «o corpo é o nosso meio de estar no mundo e nele repassa toda a existência o ser humano». Isto reflecte-se na menor percentagem de praticantes e na grande dificuldade de encontrar novas atletas. No entanto, e apesar disto, o trabalho foi bastante produtivo e isso provam-no os resultados: 3.º lugar no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão e provável subida à 1.ª Divisão Nacional Há ainda a salientar o espírito de sacrifício de toda a equipa.

Nas classes mais jovens o problema é parcialmente diferente. Estamos conscientes da deficiente estruturação do desporto a nível nacional, não obstante algumas acções já realizadas. E na tentativa de suprir algumas dessas lacunas, preocupamo-nos quase exclusivamente com a prática desportiva na verdadeira acepção da expressão, e quase ignoramos a competição até porque esta implica uma selecção. Contudo não ignoramos o papel, nem o valor, nem a dimensão da competição.

Temos uma escola de jogadores com 50 crianças aproximadamente, e 26 miúdos na equipa de iniciados.»

M. V. — Uma vez que vocês vão frequentar o curso de treinadores a Espanha, gostaríamos que nos falassem do caminho percorrido até à inscrição no mesmo.

«Sabíamos que se realizava anualmente em Madrid, nas instalações do I.N.E.F., um curso de treinadores de voleibol pro-

movido pela escola de treinadores espanhola por encargos da Federação Espanhola de Voleibol. Escrevemos a pedir informações: nível dos cursos, disciplinas que o constituíam e respectivas despesas.»

Fomos posteriormente informados e verificamos que o nível do curso nos interessava pois entre as disciplinas contavam-se: biomecânica, psicopedagogia, medicina desportiva, preparação física, metodologia do treino, técnica, táctica... Inscrevemo-nos.

Havia determinadas exigências que os candidatos tinham que satisfazer para se poderem habilitar ao curso, tais como: serem treinadores-estagiários ou provinciais; serem professores de educação física ou ainda possuírem 25 internacionalizações pela selecção nacional A.

Tendo em vista os elevados encargos monetários da deslocação e participação (alojamento e alimentação), e tendo em conta que nos encontramos ligados ao voleibol há já 4 anos como técnicos (nos clubes) e este ano fazendo parte do sector de formação da F. P. de Voleibol, contactámos com o sector de formação da D. G. dos Desportos. Obtivemos resposta à nossa solicitação, na qual nos informavam que as verbas previstas para o efeito estavam esgotadas para o corrente ano e aconselhavam-nos de futuro a concorrermos ao subsídio através da F. P. de Voleibol, uma vez que futuramente o sector de formação da D. G. dos Desportos iria ter uma estreita ligação com esta federação.»

M. V. — Quais os vossos objectivos ao participarem no curso?

«Participamos no curso com o objectivo duma valorização pessoal, valorização essa que pensamos se irá reflectir em todo o nosso trabalho, ao serviço da modalidade, não só a nível de clubes, como também na colaboração a prestar à F. P. de Voleibol no sector de formação.»

Sabemos também que a evolução na competição é um facto e que é imperiosa uma constante actualização do técnico, não só a nível da evolução de todos os esquemas técnico-tácticos, mas também dos métodos de treino, pois que é do valor do técnico assim como do material humano a trabalhar que se expressará quer quantitativamente quer qualitativamente o trabalho realizado pela equipa.»

M. V. — São capazes de nos adiantar alguns pormenores sobre o curso?

«A sua realização é composta por duas fases, sendo a primeira de 20 de Setembro a 3 de Outubro de 1976, e a segunda de 3 a 15 de Janeiro de 1977, com um horário de 6 horas de trabalho mínimo diário, num total de 24 dias.»

Aqui ficam as declarações destes dois jovens e promissores técnicos espinhenses. Ficamos a aguardar a sua chegada, assim como a do nosso colaborador Tibério Coelho, que também foi frequentar o curso, para ouvirmos as suas opiniões.

sias, o que já foi conseguido com o Clube Académico de Espinho e a freguesia de Silvalde. Também se encara seriamente a criação de uma secção de Atletismo no S.C.E. com vista ao aperfeiçoamento dos mais aptos e participação em provas federadas.

Um problema é já de pôr: em Aveiro não há provas e conhecem-se as dificuldades que há nas inscrições dos clubes de Espinho nas Associações do Porto. Seja como for, o S. C. Espinho vai voltar a estar representado no atletismo federado.

PORQUÊ UM CINECLUBE?

Realizou-se no passado dia 24 mais uma sessão do Cineclube da Cooperativa «Nascente». O filme previamente anunciado era «O Sal da Terra», mas à última da hora houve alteração no programa. As pessoas não gostaram muito, claro. Até porque já não era a primeira vez. De qualquer maneira, a organização não cabiam quaisquer culpas: ela própria se sentia também lesada. Quem falhou então? As casas distribuidoras, como de costume. É tempo de essas empresas olharem com mais cuidado para estes «cineclubezitos da província», estes grupos de pessoas que não são de Lisboa nem andam a facturar lucros, mas que trabalham um pedaço e sentem profundamente as responsabilidades perante os sócios. Claro que as empresas distribuidoras pouco se importam com os problemas que uma substituição destas acarreta...

Em todo o caso, nem tudo se perdeu. Não veio o esperado filme de intervenção mas veio uma fita cômica com bastante interesse, um filme de uns dos mais célebres artistas em fazer rir a gente: os **Irmãos Marx**. Passou-se um tempo agradável e divertido, com situações e «gags» sucessivos a apelar ao riso, mas a um riso inteligente.

Aproveitamos a oportunidade para auscultar a opinião de alguns sócios da Cooperativa sobre o Cineclube e seu interesse. E lá fomos ouvindo:

«O Cineclube tem importância não



O PEQUENO GRANDE HOMEM



DUSTIN HOFFMAN "LITTLE BIG MAN"
Panavision® Technicolor®

só no aspecto cultural, mas também no aspecto social. Serve para uma desintoxicação de todos esses filmes comerciais que o sistema social, ainda não modificado, nos apresenta.»

Isto disse o sr. Hernâni Silva. Não eram muito diferentes as ideias do sr. Pedrosa:

«O Cineclube leva-nos, e bem, a fugirmos de um tipo de cinema de mercado que nos é impingido. Aqui passamos a ver filmes decentes e instrutivos.»

Um pouco mais desenvolvida foi a opinião expressa pelo sr. Filipe Milheiro. Assim, entende ele que «o Cineclube é muito importante, pois consegue trazer-nos filmes que não nos são mostrados através dos cinemas locais. Estes só têm por objectivo o lucro e não a qualidade das fitas que exibem. Através do Cineclube, a população em geral, e os trabalhadores em particular,

poderão ter acesso a bons filmes que doutra forma nunca veriam. É claro que quando eu falo em população em geral digo-o porque acho que estas sessões de cinema deverão, a curto prazo, ser para toda a gente; dessa forma a Cooperativa poderia expandir-se extraordinariamente. Mas tudo isso depende da estrutura da «Nascente», que só agora está a começar. Mas vamos para a frente!»

Em seguida o sr. António de Jesus chamou a atenção para um aspecto novo: o Cineclube fora das «portas» de Espinho:

«O Cineclube tem interesse não só para Espinho mas para toda a região. Acho que os filmes deviam ser levados a outras freguesias aqui à volta.»

Podemos desde já anunciar que isto mesmo vai acontecer brevemente. Num dos próximos fins-de-semana, as freguesias de Grijó, Nogueira da Regedou-

NASCENTE cineclube

Na sequência das sessões de cinema que tem vindo a promover regularmente, a secção de Cineclube da Cooperativa Nascente leva a efeito, no próximo dia 13 de Outubro, a projecção do filme «O PEQUENO GRANDE HOMEM», no TEATRO S. PEDRO, pelas 21.30 horas.

ra e S. Paio de Oleiros vão ver cinema deste Cineclube! Esperemos que a experiência seja positiva e possa continuar com a regularidade que todos desejáramos (a começar pelas populações dessas terras).

Ainda uma última opinião, esta da D.ª Graça Ávila. Que pensa ela do Cineclube?

«Se atendermos a que hoje em dia os filmes que passam habitualmente nas casas de espectáculos são somente filmes pornográficos e outros que tais, como comédias que de cómico nada têm, pois é claro que o Cineclube tem muito interesse. Hoje, por exemplo, diverti-me bastante com este filme dos irmãos Marx que, apesar de antigo, é muito interessante. Só lamento que as pessoas não acorram em maior número. As pessoas que aqui vêm são em grande parte quase sempre as mesmas, o que torna este trabalho do Cineclube de certo modo infrutífero. Isso é que precisamos de modificar.»

Maré - rua

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

acredito muito. Melhoras é que eu não vejo nada na situação actual...»

Depois do sr. Silva, foi a vez do sr. S. M., estudante, que nos pediu para escrevermos apenas as iniciais:

«Não tenho opinião ainda formada sobre as próximas eleições. Ainda não me debrucei sobre o assunto. nem li nada sobre o mesmo. Desculpe lá se soubesse mais dizia-lhe...»

E a noite ia caíndo. As dezanove horas traziam já muita escuridão consigo, graças à recente mudança de hora. Terá sido por isso que uma senhora ao ser interpelada por nós para o «Maré-Rua» apressou o passo e resmungou qualquer coisa que não percebemos. Esperamos não a ter assustado...

Valeu-nos o sr. Alfredo Pinho, comerciante, que depois de atravessar a rua 19 com o semáforo verde para os peões (verde, ouviram bem?), se dispôs a colaborar connosco:

«Acho que vai ser mais uma oportunidade para nós definirmos o que pretendemos em linhas de futuro. De acordo com as ideias de cada um será aproveitado o resultado maioritário que regerá o futuro.»

«Desculpe, mas não estou ao par.» — confiou-nos (?) o sr. António Gonçalves, empregado no Violas. — «Nem sequer sei ler...»

Para terminarmos ouvimos a Fernanda, estudante, que também pouco adiantou ao assunto:

«Não estou ainda ao par das eleições. Assim não me posso pronunciar sobre elas.»

Acabamos por aqui. Será ainda cedo para se falar assim a nível de rua em eleições para as autarquias locais? Cremos francamente que, dada a importância deste assunto, vai sendo já altura de lhe dar um pouco de atenção.

«MARÉ VIVA» o
Jornal da região

RASCUNHOS

Isto de um fulano meter um papel à máquina e não saber o que há-de nele escrever é uma gaita. Quando na nossa mente já baila qualquer ideia, bem vai. Pega-se na ideia, tecem-se umas considerações mais ou menos conformes, e o artigo chega ao fim, com a medida exacta. Mas quando não surge ideia nenhuma é o cabo dos trabalhos. Por mais que se espremam as meninges, nem gota sai.

Por isso mesmo é que eu tenho uma consideração muitíssimo especial por todos aqueles cuja profissão é escrever diariamente ou pelo menos com uma periodicidade absolutamente regular. Se já é mau ser-se um simples repórter, que precisa de correr Seca e Meca à busca da notícia capaz de espicaçar o interesse e a curiosidade dos leitores, ser-se cronista regular é, na minha opinião, muitíssimo pior.

E eu sei que há constantemente motivos a abordar, assuntos a necessitar de comentários, mas o que nem sempre há é disposição de espírito para catar no cérebro o «mote» a desenvolver. Tarefa muito mais penosa quando se não deseja ser superficial ou desatar a vomitar opiniões ou críticas sem se ir ao

fundo das coisas, sem se apurar verdadeiramente a realidade. E um bom cronista tem que ser sério e profundo ou então não merece o dinheiro que lhe esportulem pela prosa dada à luz.

Felizmente eu não sou um profissional da Imprensa, daquela cuja primeira letra é maiúscula, mas um sofrível rascunhador da imprensa provinciana, pseudo-cronista feito à força, amador cem por cento como os rapazes que quase diariamente vejo a correr pela praia fora, até à Granja na sua preparação atlética. E digo felizmente porque assim não tenho que espremer as meninges por obrigação profissional mas apenas por compromisso moral, como me sucede esta semana.

Pediram-me uns Rascunhos. Disse que sim. E acabei por ficar à rasquinha sem saber o que dizer nem sobre que assunto falar. Vá lá que, muito a custo, fui escrevendo o que ficou aí para cima. E talvez tenha valido a pena tê-lo feito se quem vier a ler-me pensar uns minutos no que será a tarefa de um homem de letras e assim poder chegar à conclusão de quão penoso, árduo e ingrato é o seu labor.

Carlos P. Morais